

Mobilização de saberes experienciais para a atuação de professores na Educação de Jovens e Adultos

Resumo - Os baixos índices de sucesso da educação básica no Brasil têm sido foco de estudo e preocupação há anos. Não obstante o baixo desempenho de alunos em avaliações oficiais, também é significativa a evasão escolar. Este artigo lança um olhar para a atuação de professores junto aos estudantes que retornam à escola para cursar a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Com o intuito de investigar que saberes e experiências os docentes mobilizam para elaborar suas aulas e desenvolver metodologias nos processos de ensino e de aprendizagem, realizou-se uma pesquisa estruturada com questões objetivas e dissertativas, acerca das percepções docentes e articulação dos saberes que consideram necessários à atuação na EJA. Os resultados apontam para os desafios docentes e a importância do contexto ao atuar com jovens e adultos.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Saberes Docentes, Experiências Docentes.

Abstract - The low success rates of basic education in Brazil have been the focus of study and concern for years. Despite the low performance of students in official assessments, school dropout is also significant. This article takes a look at the work of teachers with students who return to school to attend Youth and Adult Education (EJA). In order to investigate which knowledge and experiences teachers mobilize to prepare their classes and develop methodologies in the teaching and learning processes, a structured research was carried out with objective and dissertation questions, about teachers' perceptions and articulation of knowledge that they consider necessary. to work in the EJA. The results point to the teaching challenges and the importance of the context when working with young people and adults.

Keywords: Youth and Adult Education, Teaching Knowledge, Teaching Experiences.

1 Introdução

Há tempos os índices da educação básica preocupam o Brasil, tanto no que diz respeito à permanência dos alunos como ao que se refere à qualidade do ensino. Entretanto, a pandemia de Covid-19¹ piorou a situação. Conforme estudo divulgado pelo programa Todos pela Educação, baseando-se na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), 41% das crianças de 6 e

¹ A pandemia de Covid-19 teve seu início no Brasil em março de 2020.

7 anos não sabem ler e escrever². Sendo esse o maior índice de analfabetismo registrado no país desde 2012. Esse fator é preocupante, pois só vem agravar a realidade do nosso país, que ainda registra um número significativo de analfabetos ou pessoas que não concluíram a educação básica. E ainda, segundo o site Agência Brasil, o impacto da pandemia pode durar quinze anos (VERDÉLIO, 2022) na economia brasileira. Ou seja, crianças e jovens que estão hoje em época de escolarização retornaram à escola com uma defasagem ainda maior.

Nesse cenário, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) poderia ser uma resposta aos anseios desses brasileiros, como uma possibilidade de adquirirem os conhecimentos não oportunizados na faixa etária adequada. Porém, historicamente, a EJA não é priorizada, sendo vista, de certa forma, como a suplência de alguma etapa da escolaridade, à margem do sistema educacional e das políticas públicas. Um ponto relevante a ser observado é que essa modalidade de ensino, anteriormente composta em sua maioria por adultos, vem se rejuvenescendo, ao receber alunos mais jovens sobretudo advindos das periferias, um fenômeno que reflete os índices crescentes de evasão escolar do Ensino Médio.

Com papel de grande relevância nesse contexto, encontram-se os docentes, cuja formação acadêmica foi centrada nos saberes específicos de uma determinada área do conhecimento e as metodologias estudadas, em geral, direcionadas à educação básica, portanto, a EJA apresenta um público diferenciado para esse professor. Por entender a complexidade que envolve os processos de ensino e de aprendizagem nessa modalidade de ensino, realizou-se uma pesquisa no ano de 2021 com docentes da Rede Pública de Ensino do Estado de São Paulo, que lecionam ou lecionaram na Educação de Jovens e Adultos. A pesquisa buscou responder à questão norteadora: Que saberes experienciais são mobilizados na prática profissional dos professores que ministram aulas na EJA? A pesquisa tem como objetivo geral trazer à tona os saberes experienciais mobilizados na prática profissional docente na EJA. Como objetivos específicos busca conhecer o perfil profissional dos docentes que atuam na EJA; investigar a percepção docente sobre os alunos da EJA; levantar as metodologias utilizadas nas aulas e os recursos dos quais os docentes lançam mão para elaborar suas aulas na EJA; propor reflexões acerca dos desafios no processo de ensino e de aprendizagem para jovens e adultos.

A seguir, serão apresentados o método e os resultados encontrados, em diálogo com o referencial teórico.

2 Referencial Teórico

Os saberes experienciais têm sido considerados como significativos quando a atuação docente vem à baila, pois esses saberes interferem diretamente na prática de sala de aula e impactam no aprendizado dos alunos.

Dentre os muitos significados da palavra “saber”, pode ser entendida como possuir capacidade de ou habilidade para desenvolver ou fazer algo. O ser humano adquire saberes com o passar do tempo, que pode ser entendido como um saber espontâneo, não-intencional e produzido nas instâncias da vida social.

² Reportagem completa disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/noticias/pnad-levantamento-do-todos-mostra-primeiros-impactos-da-pandemia-nas-taxas-de-atendimento-escolar/>. Acesso em 28 ago. 2022.

Também adquire saberes sistematizados, resultantes de um método, sendo a escola uma das principais instituições responsáveis por esses saberes, os quais permitem a instrumentalização crítica para se entender a realidade. Entre o saber cotidiano e o saber científico / metódico, estão as experiências vividas por cada indivíduo as quais influenciam e são determinantes para a sua atuação na sociedade. Maurice Tardif tem debruçado o olhar para esse assunto e, em sua obra *Saberes Docentes e Formação Profissional* (2014), dividida em duas partes, sendo a primeira direcionada ao saber dos professores em seu trabalho e a segunda parte a abordagem sobre a formação e os saberes profissionais, o autor explora as percepções dos professores sobre seus saberes, propõe reflexões sobre as práticas educativas e o trabalho docente, discute a profissionalização do ensino, aborda o saber profissional do professor e interrelaciona o saber à prática dos educadores.

É certo que todos os níveis de ensino têm os seus desafios, pois exigem do professor conhecimentos e práticas que cheguem aos alunos, os evolva e os motive ao aprendizado, porém, a Educação de Jovens e Adultos tem ficado à margem da formação dos professores, nem sempre sendo abordada de maneira adequada. Cabe destacar que não há ampla literatura acerca do tema, entretanto, duas obras recentes propõem ricas reflexões:

A primeira delas é *Formação de jovens e adultos: (Re)Construindo a prática pedagógica* (MATHIEU e BELEZIA, 2013) aborda os desafios para o processo de ensino e de aprendizagem na EJA, com especial olhar para as metodologias de ensino e o processo avaliativo.

A segunda obra, *Educação de Jovens e Adultos: perspectivas teóricas e práticas* (GIUSTI, SOLGON, PERICO, 2021), reúne relatos, pesquisas e experiências na EJA contadas por professores de diversas regiões do Brasil acerca de temas como: ensino na EJA no contexto da pandemia; modelagem matemática; oficina de eletricidade para ensino da Física; uso de jogos educativos na EJA; trabalho com projetos; desenvolvimento social do aluno da EJA, dentre outros de grande relevância.

Essas obras serviram como inspiração para escrita deste artigo. Após coleta dos dados e análise dos temas indicados a partir das respostas dos professores, essas obras direcionaram para os demais autores, que possibilitaram o diálogo de ideias exposto a seguir.

3 Andragogia: reflexões necessárias para o ensino de adultos

A Andragogia, teoria da aprendizagem de adultos, tem como um de seus principais nomes o pesquisador e educador americano Malcolm Knowles (1913-1997), conhecido por muitos como o “Pai da Andragogia”, ele também figura entre os principais contribuidores do desenvolvimento da Teoria Humanista de Aprendizagem. Para Knowles, a educação de adultos deve ser distinta da educação de crianças. Na obra *The modern practice of adult education - From pedagogy to andragogy* (1981), como afirma Beck (2015), o educador defende cinco pressupostos necessários à Andragogia: a autonomia, a experiência, a prontidão para a aprendizagem, a aplicação da aprendizagem e a motivação para aprender. Nesse sentido, faz-se pertinente uma reflexão prévia sobre o tema.

A idade adulta traz a responsabilidade de tomar as próprias decisões e arcar com as consequências, portanto, é um marco na vida do ser humano que

diz respeito à autonomia. O professor que ensina a adultos deve ter em mente a percepção desse aluno como responsável e autônomo, em uma postura diferente da criança ou jovem menor de idade.

Na EJA, não é raro encontrar casos de alunos que são mais velhos que seus professores, sendo que embora lhes falte o conhecimento escolar, o aluno tem experiência de vida. Desta forma, o docente deve considerar essa experiência valiosa como base para o desenvolvimento de competências e habilidades, que embora partam de teorias, podem ser mais significativos quando conciliado com aquilo que o aluno experienciou.

Outro pressuposto, a prontidão para a aprendizagem destaca que o adulto se mostra mais motivado a aprender aquilo que diz respeito a situações reais de seu cotidiano. Por esse motivo, a aula deve trazer exemplos e oportunidades de estudo a partir da realidade do aluno e do contexto que o cerca. O quarto pressuposto diz respeito à aplicação da aprendizagem e mostra-se diretamente relacionado ao anterior uma vez que põe a prática como oportunidade de aprendizado para o aluno adulto. Nesse sentido, metodologias como a aprendizagem baseada em problemas (ABP ou PBL - *Problem Based Learning*) e propostas de desenvolvimento da cultura *maker*, aprendizagem “mão na massa”, na qual os alunos desenvolvem experiências e projetos interdisciplinares, podem favorecer a aplicação imediata de conceitos, transpondo da teoria para a prática.

Por fim, o pressuposto da motivação para aprender diz respeito àquilo que impulsiona o aluno. Considerando o público da EJA, é relevante diferenciar motivações externas, ligadas ao desejo de obter recompensas ou evitar punições, das motivações internas, ligadas aos objetivos pessoais ou valores individuais, uma vez que o aluno adulto é mais afetado por motivações internas do que externas. Portanto, compreender o que o aluno busca e apresentar situações de aprendizagem que o ajudem a atingir seu objetivo o incentiva a continuar estudando.

Os pressupostos elencados por Malcolm Knowles permitem uma reflexão prévia do professor, somando-se aos seus saberes experienciais, resultando em outros conceitos e objetos de reflexão-ação. Considerando a formação inicial docente, observou-se que nem sempre o professor tem em mente que seu público-alvo é composto de jovens e adultos que possuem inúmeras experiências de vida, inclusive já inseridos no campo de trabalho. Muitas vezes esses professores podem tentar reproduzir o planejamento que fariam para o ensino regular e se esquecem das especificidades da EJA.

Entende-se que na educação de crianças e jovens, voltada à educação infantil, ensino fundamental e médio, a metodologia, em muitos momentos, está centrada na transmissão do conhecimento; porém, na educação de adultos é possível que o conhecimento em estudo possa estar relacionado à vivência ou contexto profissional do aluno, por isso, o professor partirá da apresentação do conceito para as maneiras de aplicá-lo na prática, algo possível de aplicar também no ensino superior e na educação profissional técnica.

Por isso nossa proposta é compreender até que ponto o professor considera o perfil dos estudantes da EJA em sua atuação em sala de aula, a partir de suas experiências docentes, o que possibilita a escolha de metodologias e abordagens diferenciadas, de acordo com o perfil do alunado, corroborando com a visão de Zabala (1998) ao afirmar que a atuação educacional

[...] sempre será o resultado de uma maneira determinada de entender a sociedade e o papel que as pessoas têm nela. Educar quer dizer formar cidadãos e cidadãs, que não estão parcelados em compartimentos estanques, em capacidades isoladas. [...] Nós, os professores, podemos desenvolver a atividade profissional sem nos colocar o sentido profundo das experiências que propomos e podemos nos deixar levar pela inércia ou pela tradição. Ou podemos tentar compreender a influência que estas experiências têm e intervir para que sejam o mais benéficas possível [...] (ZABALA, 1998, p. 28-29)

Assim sendo, ainda que alguns professores não tenham conhecimento da Andragogia enquanto teoria, nota-se que o seu emprego na EJA é fundamental, para que sejam atingidos os objetivos educacionais.

4 Método

Não é de se ignorar que a EJA tem suas particularidades: perfil dos alunos, contexto sociocultural, necessidade de metodologia diferenciada nos processos de ensino e de aprendizagem, dentre outras.

Os educadores e as educadoras de pessoas jovens e adultas, assim como os seus educandos(as), são sujeitos sociais que se encontram no cerne de um processo muito mais complexo do que somente uma “modalidade de ensino”. Estão imersos em uma dinâmica social e cultural ampla que se desenvolve em meio a lutas, tensões, organizações, práticas e movimentos sociais desencadeados pela ação dos sujeitos sociais ao longo da nossa história. (SOARES, GIOVANETTI & GOMES, 2011, p. 7)

Com esse olhar, e buscando dar espaço à livre expressão dos entrevistados, a pesquisa foi estruturada com questões objetivas e dissertativas, acerca das percepções docentes e articulação dos saberes que consideram necessário à atuação na EJA.

A pesquisa deu-se por meio de questionário online, estruturado com questões objetivas e dissertativas, disponibilizadas entre 01 e 06 de abril de 2021, contando com a participação de 16 professores que atuavam na EJA, no Estado de São Paulo.

5 Resultados e discussões

Para compreender o perfil dos professores, cabe destacar que, dentre os 16 participantes, 38% possuem entre 6 e 10 anos de experiência em sala de aula; 31% possuem experiência acima de 16 anos; 25% entre 11 e 15 anos; e 6% menos de 5 anos de experiência. Especificamente, com relação ao tempo de atuação na EJA, 50% dos participantes afirmaram ter menos de 5 anos de experiência; enquanto 37,5% têm de 6 a 10 anos e 12,5% possuem de 11 a 15 anos na EJA.

Ao serem questionados sobre a EJA voltada a qual nível de ensino, 50% afirmaram ter ministrado aulas na EJA Ensino Médio; 25% indicaram ter atuado tanto na EJA Ensino Fundamental como na EJA Ensino Médio; 19% destacaram experiência na EJA Ensino Fundamental e 6% na EJA Ensino Médio e Técnico.

No que tange à área de conhecimento, apresenta-se: Linguagens, Códigos e suas tecnologias com 50% dos participantes; 25% em Matemática e suas

Tecnologias; 13% em Ciências Humanas e suas Tecnologias, com igual índice para outra área de conhecimento, não disposta no questionário; e 6% com formação na área de Ciências da Natureza e suas Tecnologias.

As questões seguintes, por serem dissertativas, permitiram aos professores a livre expressão escrita e um olhar qualitativo para os saberes experienciais mobilizados na prática profissional dos professores que ministram aulas na EJA. Para fins de leitura e interpretação dos dados, as respostas foram categorizadas e analisadas à luz do referencial teórico.

A respeito dos desafios encontrados pelos professores, 19 apontamentos foram feitos, dentre eles 37% relativos ao tempo de afastamento do aluno da escola e à falta de conhecimentos prévios; 21% relativas à necessidade de contextualizar o estudo à realidade do aluno, a importância da metodologia utilizada pelo professor, a dificuldade de acesso ao material ou necessidade de material específico voltado para esse público; na sequência, 16% quanto à situação de vulnerabilidade social que impede a permanência do aluno na escola; com a mesma porcentagem também a falta de tempo para estudar; por fim, 5% a autoestima do aluno e 5% a heterogeneidade da turma apareceram como fatores a serem considerados pelo docente.

Com relação às diferenças entre os alunos que cursam a educação básica regular e aqueles matriculados na EJA, alguns professores enumeraram mais de um item, sendo que 27% entende que a maior diferença é que o aluno da EJA tem menos tempo para dedicar-se ao estudo, uma vez que alguns trabalham e/ou já constituiu família; 23% apontaram que os alunos da EJA são mais comprometidos e têm mais anseio por aprender; igualmente, 23% indicaram o fato de que esses alunos têm mais dificuldades para aprender, principalmente devido ao fato de estarem há algum tempo fora da escola; 17% apontaram como dificultadores a necessidade de inserção no mercado de trabalho pelo aluno da EJA, bem como o contexto social que é bastante diferente do aluno da educação regular. Ainda, houve uma pequena referência de 5% a fatores como vivências diversas dos alunos e igual porcentagem para um professor que afirmou não enxergar diferença entre o aluno da EJA e da educação básica regular.

Ao serem questionados se sentiam que sua formação os havia preparado para lecionar na EJA, 75% sentem que não foram preparados para atuar nessa modalidade de ensino. Dentre os entrevistados, 37,5% afirmaram ter realizado algum curso específico para atuar na EJA, em complemento à graduação inicial. Portanto, para atuar na EJA, não basta ao professor apenas os conhecimentos advindos da sua formação, mas são necessárias vivências e experiências que permitam planejar as aulas, adotar a metodologia mais adequada e, de modo imprescindível, trazer o aluno para perto de si, criando uma relação empática e colaborativa, por vezes sendo o professor um espelho para o aluno.

[...] Por vezes, alunos buscam no professor o seu ponto de referência para o desenvolvimento profissional e às vezes até mesmo de sua personalidade. Portanto, é preciso preparar bem a aula, os temas a serem abordados, exercícios de aplicação corroboram para o êxito de suas atividades e não deixar de lado também nossa postura e exemplos que são transmitidos aos alunos, porque interferimos diretamente em sua formação não só profissional, mas também como cidadãos. (CHIQUETO, 2019, p.28)

No que diz respeito aos recursos consultados pelo professor ao elaborar as aulas para a EJA, o Gráfico 1 mostra uma preferência por utilizar livros (94%) ou

internet (81%) para consultas. Análise do perfil do aluno aparece em terceiro lugar (69%), como algo importante ao elaborar a aula, empatada com o procedimento de conversar com outros professores para alinhar a metodologia. Também empatadas (56%) estão ações como assistir a vídeos e elaborar as aulas com base em sua experiência docente. A experiência como aluno também é cogitada pelo professor (31%), bem como a consulta ao seu caderno de anotações de aulas anteriores (25%), dentre outros (6%).

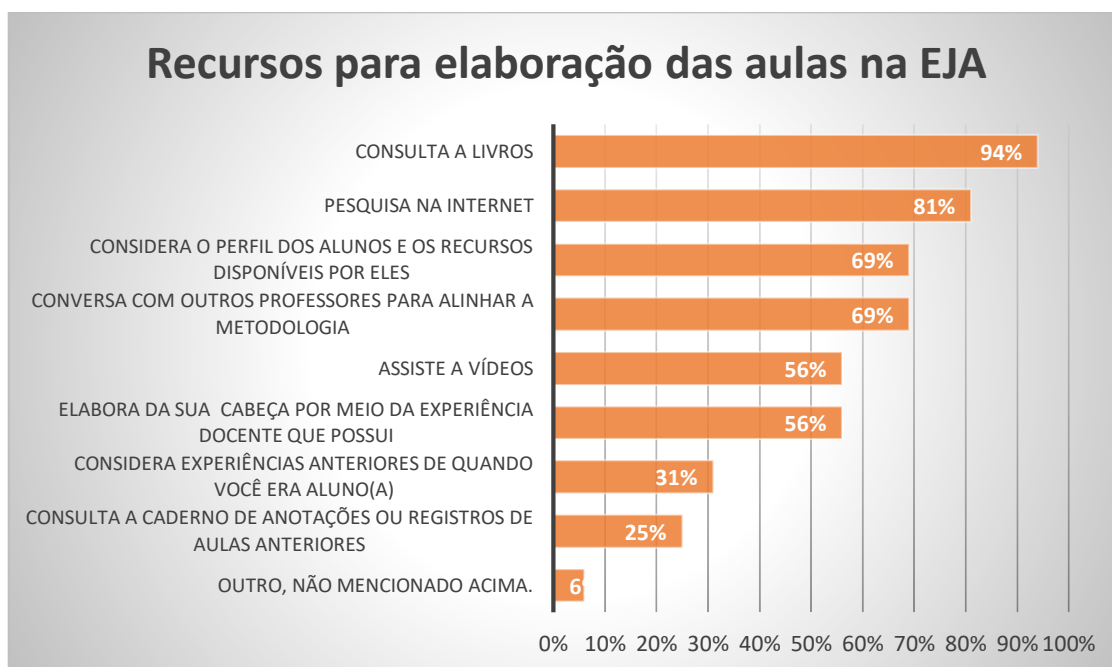


Gráfico 1 – Recursos usados nas aulas da EJA

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022)

A partir desse gráfico é possível notar o processo reflexivo e estratégico adotado pelo professor ao elaborar as aulas. Para tanto, o docente imerge no contexto que cerca o cotidiano escolar, para que possa ministrar suas aulas considerando-o.

[...] Os professores não podem ser vistos como técnicos ou burocratas, senão como pessoas comprometidas nas atividades de crítica e questionamentos [...]

Da mesma forma, compreende-se a figura do professor como um pesquisador crítico ou prático reflexivo. E, acima de tudo, sempre aparece a palavra-chave que define o DNA dessas pedagogias: *compromisso*. (CARBONELL, 2016, p.59) (grifo do autor)

Nesse compromisso de ensinar, a metodologia, que trata dos procedimentos didáticos, é outro item importante e estratégico à prática docente e deve colocar o aluno como protagonista do aprendizado, levando em conta o método mais adequando para a aquisição e o desenvolvimento dos saberes escolares e individuais.

A aula expositiva e dialogada aparece em primeiro lugar (100%), pois é fundamental à comunicação entre os pares, portanto, é o recurso mais utilizado pelos professores, em seguida, utilizam questionários e listas de exercícios (94%); leitura de textos (94%); debates (63%); projeção ou indicação de vídeos

(63%); livro didático (56%); estudos de casos (19%); sala de aula invertida (19%) ou outras metodologias não indicadas (19%).



Gráfico 2 – Metodologias utilizadas nas aulas da EJA
Fonte: Elaborado pelas autoras (2022)

Como pode ser observado no Gráfico 2, o método adotado, de modo geral, é mais tradicional, não contemplando tanto o uso de metodologias ativas, o que pode sinalizar a falta de recursos físicos, a dificuldade de apropriação pelos professores ou dificuldade de desenvolvimento pelos alunos. Pontos a serem estudados em oportunidades futuras.

Os resultados ora apresentados refletem olhares e vivências de docentes inseridos num determinado contexto. Entretanto, esse recorte pode ser ampliado e refletir percepções de muitos outros docentes distribuídos Brasil afora, pois não são poucos os professores que mobilizam seus saberes profissionais e experienciais para atuar na EJA, uma vez que essa modalidade de ensino requer posturas diferenciadas do professor, tanto em relação ao aluno como em relação ao contexto no qual está inserido.

6 Considerações finais

O trajeto percorrido até aqui, permite responder com segurança à pergunta geradora: “Que saberes experienciais são mobilizados na prática profissional dos professores que ministram aulas na EJA?”, pois, na rerepresentação dos dados nota-se que parte significativa dos docentes participantes não se sente preparada para atuar na EJA, o que faz com que esses professores procurem seus pares, crendo que a experiência dos colegas e sua própria vivência profissional poderá auxiliá-los no desafio de motivar, ensinar e proporcionar o aprendizado dos jovens e adultos estudantes.

Outro ponto relevante diz respeito aos cinco pressupostos necessários à Andragogia, defendidos por Beck (2015), e que podem ser evidenciados ao longo da pesquisa. A autonomia é fundamental ao desenvolver trabalhos pedagógicos com adultos, pois assumem uma postura mais independente que as crianças e adolescentes, tendo em vista não apenas sua faixa etária, mas também as suas experiências pessoais; em segundo lugar essa experiência que deve ser valorizada e encontrar lugar na sala de aula na compreensão e aplicação de conceitos, na reflexão sobre ideias e maneiras diferentes de se chegar a um resultado, portanto, a autonomia e a experiência são ações que valorizam o saber prévio dos alunos da EJA.

A prontidão para a aprendizagem, outro pressuposto importante, diz respeito ao nível de desenvolvimento a partir do qual o aluno é capaz de aprender algo; são pré-requisitos ou um conjunto de modalidades especializadas, que podem ser utilizadas em conjunto ou individualmente. Em alguns casos, nota-se que apenas quando inserido em determinado contexto, sujeito a necessidades ou exposto a ela, o aluno está de fato pronto a aprender. Tome-se por base quando um adulto se torna condutor de um veículo automotor, geralmente, nesse caso é maior a compreensão do conceito e aplicação do cálculo de velocidade média, estudado nas aulas de Física, como o cálculo da rapidez com que um objeto se desloca levando em conta o tempo médio e o espaço percorrido. Enquanto jovem de 14 anos, na 1ª série do Ensino Médio, pode ser que o aluno não compreenda a relevância desse aprendizado, mas diante da necessidade da vida adulta, esse pode vir a ser um conhecimento importante.

Nessa mesma linha reflexiva, encontra-se a aplicação da aprendizagem, que permite experiências valiosas, que levam o aluno a ver significado naquilo que aprende na escola e conduz também à motivação para aprender. É notório que os adultos desenvolvem o interesse no aprendizado após compreender por que necessitam saber algo e qual o ganho que terão com essa aprendizagem. Essa compreensão motiva os alunos adultos, que relacionam o aprender com valores intrínsecos, tais como autoestima, qualidade de vida, desenvolvimento pessoal e profissional, dentre outros.

Não obstante, reconhecer a influência do contexto no qual os alunos estão inseridos, suas condições sociais e as expectativas advindas do exercício da cidadania e possibilidade de ingresso no mercado de trabalho também é de grande valia, pois esse público tem suas vivências, preocupações e necessidades que caminham paralelamente ao estudo, podendo às vezes ser um dificultador à permanência na escola.

Embora nem sempre se sintam preparados em sua formação, os professores que atuam na EJA adquirem saberes experienciais e vivências próprias e únicas que não constam nos livros, mas que muito ensinam a quem deseja pesquisar, conhecer e adentrar no caminho desafiador de resgatar o desejo de aprender nos jovens e adultos que regressaram à escola. Além disso, é preciso que reorganizem os conteúdos de forma que faça sentido para o ensino desses jovens e adultos, ou seja, precisam reelaborar o planejamento de ensino em cada série da EJA, para além de como estão elaborados nos livros didáticos.

Referências

BARROS, R. Revisitando Knowles e Freire: Andragogia *versus* pedagogia, ou O dialógico como essência da mediação sociopedagógica. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 44, e173244, 2018. Disponível em [https://www.scielo.br/ep/a/TdjFHK3NrJdKQ5SrZbBwjF/?format=pdf&lang=pt#:~:text=Neste%20artigo%2C%20de%20natureza%20te%C3%B3rica,Freire%20\(1921%2D1997\)](https://www.scielo.br/ep/a/TdjFHK3NrJdKQ5SrZbBwjF/?format=pdf&lang=pt#:~:text=Neste%20artigo%2C%20de%20natureza%20te%C3%B3rica,Freire%20(1921%2D1997).). Acesso em 09 ago. 2022

BECK, C. Malcolm Knowles: o pai da andragogia. **Andragogia Brasil**, 2015. Disponível em: <https://andragogiabrasil.com.br/malcolm-knowles/>. Acesso em 09 ago. 2022.

CARBONELL, J. **Pedagogias do Século XXI**: bases para a inovação educativa. (trad. Juliana dos Santos Padilha). Porto Alegre: Penso, 2016.

CHIQUETO, F. S. O papel do professor no desenvolvimento de seus alunos e da comunidade. In: ANA, S. S. (org). **Temas contemporâneos sobre ensino e educação**. Curitiba: CRV, 2019, p. 25-38.

GIUSTI, B. L. R.; SOLGON, G. C.; PERICO, L. A. S. (Orgs.) **Educação de Jovens e Adultos**: perspectivas teóricas e práticas. Diadema: V&V Editora, 2021.

MATHIEU, E. O.; BELEZIA, E. C. **Formação de jovens e adultos**: (Re)Construindo a prática pedagógica. São Paulo: CPS, 2013.

SOARES, L.; GIOVANETTI, M. A.; GOMES, N. L. (Orgs.). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. 4.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

TARDIF, M. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

URBAN, J. R.; FRASSON, A. C. Contribuições de Paulo Freire na formação de professores para a Educação de Jovens e Adultos: uma análise da produção científica sob a ótica do Methodi Ordinatio. **Revista de Iniciação à Docência**, v.6 , n. 2, 2021. Disponível em <https://periodicos2.uesb.br/index.php/rid/article/view/9103>. Acesso em 09 ago. 2022.

VERDÉLIO, A. **Efeito do fechamento de escolas durante a pandemia pode durar 15 anos**. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-03/efeito-do-fechamento-de-escolas-durante-pandemia-pode-durar-15-anos#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20boletim,entre%20no%20mercado%20de%20trabalho>. Acesso em: 26 ago. 2022.

ZABALA, A. **A prática educativa**: como ensinar. (trad. Ernani F. da F. Rosa). Porto Alegre: Artmed, 1998 (Reimpressão 2010).